

16 DEZ 1987

Fora de Foco *Economia - Brasil*

Os números do INPI são preocupantes: de 1970 a 1986, passaram de 0,3 a 0,1% do PIB as importações brasileiras de tecnologia, enquanto os investimentos internos em ciência e tecnologia passavam de 0,7% do PIB em 1979 para 0,5% no ano que passou. Enquanto isso, nos Estados Unidos, e segundo a mesma fonte, os investimentos em tecnologia aumentaram de 2,2% do PIB para 2,99%, entre 1975 e 1984.

Qualquer um sabe que estes são números com efeito multiplicador. Trata-se da matemática do amanhã. E, segundo esses números, o Brasil está simplesmente encolhendo.

Que aconteceu ao projeto de desenvolvimento brasileiro? Parece ter ficado perdido em algum ponto da estrada. Não se trata simplesmente do desenvolvimento quantitativo, medido em PNB; trata-se da capacidade de pensar um pouco no dia de amanhã, que exige um progresso qualitativo — o que é procurado e obtido por países que estão realmente em desenvolvimento.

É esse projeto de médio ou longo prazo que ninguém consegue enxergar no Brasil de hoje. Em seu lugar, vemos proliferar discussões positivamente anacrônicas. A idéia de nacionalismo defendida por alguns brasileiros é exclusivista e retrógrada. O Sr Leonel Brizola, por exemplo, acha que se pode permitir a entrada do capital estrangeiro no país, “desde que os donos venham juntos”. Que significa isto? Que os proprietários da Fiat ou da Volkswagen — alguns milhares de acionistas — devem mudar-se para o Brasil e solicitar a nacionalidade brasileira?

São arcaísmos que resultam da inexistência de um projeto nacional digno desse nome. Essa indefinição tem alguns motivos mais ou menos dissimulados — sendo o mais óbvio a aspiração por um Estado “socialista” (que também não é nunca definido com clareza). Se as rodas da engrenagem brasileira vão num *rallentando* progressivo, isto parece combinar com as expectativas dos que gostariam de ver o capitalismo “falir” para em seguida anunciar o socialismo (desta ou daquela coloração) como alternativa única.

Ora, se o capitalismo falir no Brasil, teremos apenas a socialização da miséria. Pois no resto do mundo — na parte do mundo que gera riqueza e

energia criativa —, o capitalismo se renova constantemente, passa por um processo de aperfeiçoamento a que os diversos socialismos não têm tido acesso.

A indefinição nacional em alguns assuntos-chave resultou na estagnação de agora. Seria ridículo dizer que o Brasil não tem potencialidades (muito além das riquezas naturais com que acena monotonamente o nacionalismo ufanista e passadista). Mas o essencial é uma vontade nacional que vá derrubando dificuldades.

Deveríamos aproveitar a passagem pelo Brasil do Chanceler israelense Shimon Peres para meditar um pouco sobre essa vontade nacional. As “potencialidades” de Israel, quando o Estado judaico nasceu há 40 anos, estavam apenas na cabeça e na disposição dos seus fundadores. Tudo o mais eram dificuldades: ambiente hostil, território árido, inexistência de uma população homogênea, divergências de língua, de raça, de perspectiva política.

De lá para cá, os israelenses fizeram milagres — porque se prepararam para isso. Não confiaram na improvisação, e muito menos na “esperteza”. Acreditaram, desde o início, que o país precisava de elites em todos os setores — e não só no militar. Investiu-se na educação e na cultura. Em pouco tempo, Israel tinha contribuições próprias a oferecer até mesmo (ou sobretudo) nas artes da paz; numa revolução agrícola, por exemplo, que fez florir o deserto.

Mas para isso é preciso uma vontade nacional, concentrada em alguns objetivos bem escolhidos. Não é possível cultivar eternamente o debate pelo debate. Ninguém gosta mais de debater do que os israelenses: “Cada cabeça uma sentença” é ditado que encontra entre eles a mais plena aplicação. Mas não se perdem de vista os objetivos nacionais.

Israel tinha na necessidade de sobrevivência uma motivação especial. Escreveu o Dr Samuel Johnson que nada concentra tão maravilhosamente a energia mental de um homem quanto a proximidade do cadafalso; e havia cadafalsos armados ao longo de toda a fronteira de Israel.

O Brasil não parece estar à beira do aniquilamento; mas precisará encontrar bem depressa algum motivo que o arranque de um desesperante grau de indefinição. Se não soubermos que país queremos ser, não chegaremos a parte alguma — em 1988 ou em 2088.